



A emergência do digital no conflito palestino-israelense e a linha do tempo das estratégias político-comunicativas

Vitória Paschoal BALDIN¹

Daniela Osvald RAMOS²

Resumo:

O presente trabalho analisa os impactos da emergência das redes de comunicação e informação em rede no conflito palestino-israelense. O objetivo é observar o desenvolvimento histórico das estratégias político-comunicativas associadas à utilização da internet. Para tanto, parte-se da revisão bibliográfica para discutir a utilização das redes digitais por palestinos e israelenses com propósitos de conquistar a opinião pública internacional. Inicia-se com a apresentação dos eventos ocorridos na Guerra do Líbano de 2006 e das revoltas populares árabes de 2010, abordando as primeiras perspectivas de utilização estratégica da internet. Na sequência, são abordados os confrontos em Gaza (2008-2014), discutindo as formas contemporâneas do uso da *web 2.0* ao longo de eventos conflituosos.

Palavras-chave: comunicação digital; conflito palestino-israelense; estratégias político-comunicativas; Oriente Médio.

The emergence of digital in the Palestinian-Israeli conflict and the timeline of political-communicative strategies

Abstract:

The present work analyzes the impacts of the emergence of communication and information networks in the Palestinian-Israeli conflict. The objective is to observe the historical development of political-communicative strategies associated with the use of the internet. To do so, it starts with a bibliographical review to discuss the use of digital networks by Palestinians and Israelis with the aim of winning over international public opinion. It begins with the presentation of the events that took place in the Lebanon War of 2006 and the popular Arab uprisings of 2010, addressing the first perspectives of strategic use of the internet. Next, the confrontations in Gaza (2008-2014) were brought, discussing contemporary ways of using web 2.0 throughout conflicting events.

Keywords: digital communication; Palestinian-Israeli conflict; political-communicative strategies; Middle East.

¹ Mestranda em Ciências da Comunicação na Universidade de São Paulo (ECA-USP) e Bacharel em História da Arte pela Universidade Federal de São Paulo (UNIFESP). Pesquisadora de arte e ativismo digital palestino. *E-mail:* vitoria.pbaldin@gmail.com

² Professora de Novas Tecnologias da Comunicação na Sociedade Contemporânea e Teorias da Comunicação no curso de Educomunicação no Departamento de Comunicações e Artes da Escola de Comunicações e Artes (ECA) da Universidade de São Paulo. Coordenadora do grupo de pesquisa Observatório de Comunicação, Liberdade de Expressão e Censura (OBCOM). *E-mail:* dosvald@gmail.com





La irrupción de lo digital en el conflicto palestino-israelí y la cronología de las estrategias político-comunicativas

Resumen:

El presente trabajo analiza los impactos del surgimiento de las redes de comunicación e información en el conflicto palestino-israelí. El objetivo es observar el desarrollo histórico de las estrategias político-comunicativas asociadas al uso de internet. Para ello, se parte de una revisión bibliográfica para discutir el uso de las redes digitales por parte de palestinos e israelíes con el objetivo de conquistar la opinión pública internacional. Se inicia con la presentación de los hechos ocurridos en la Guerra del Líbano de 2006 y los levantamientos populares árabes de 2010, abordando las primeras perspectivas del uso estratégico de internet. A continuación, se analizan los enfrentamientos en Gaza (2008-2014), discutiendo formas contemporáneas de usar la web 2.0 a lo largo de eventos conflictivos.

Palabras clave: comunicación digital; conflicto palestino-israelí; estrategias político-comunicativas; Oriente Medio.

Introdução

As tecnologias de comunicação e informação em rede foram encaradas pela academia com profundas esperanças na sua utilização para processos de democratização e libertação. Apesar disso, apenas algumas décadas depois já são evidentes as dificuldades impostas para a ação política em rede. Os processos contemporâneos de vigilância, baseados em extração de dados, e as redes digitais de desinformação e ódio são exemplos desses desafios. O presente trabalho se debruça sobre o desenvolvimento das estratégias de comunicação digital em perspectiva do conflito entre israelenses e palestinos. Partindo da revisão da literatura relevante, objetivamos discutir as etapas históricas do desenvolvimento da atual estratégia de mídia digital operacionalizada por Israel. Além disso, também buscamos apresentar as fragilidades e oportunidades ligadas ao ativismo digital palestino, considerando o histórico de utilização dessas redes na região.

O trabalho está organizado em três seções. Inicialmente, abordaremos a Guerra do Líbano, em 2006, apresentando as dificuldades enfrentadas comunicativamente por Israel, bem como as estratégias empregadas pelo Hezbollah. Na sequência, nos debruçamos sobre as mobilizações árabes de 2010, popularmente conhecidas como Primavera Árabe, considerando que o panorama oferece profundos entendimentos sobre as fragilidades enfrentadas pelo ativismo em rede. Finalmente, refletimos sobre os ataques realizados por Israel contra Gaza (2008-2014), observando a utilização das redes de comunicação digital por ativistas da causa



palestina e israelenses. Compreendemos que a partir dos confrontos no Líbano em 2006, Israel passou a desenvolver formas política e militarmente enquadradas para utilização das redes de internet para construção e manutenção de legitimidade internacional. Os ataques coordenados contra Gaza a partir de 2008 demonstram a elaboração de formas específicas para construção político-comunicativa desses eventos em rede.

A guerra do Líbano (2006)

A guerra de 2006 no Líbano apresentou novas perspectivas sociocomunicativas ao conflito, em que a frente civil foi parte essencial para estruturação militar do combate. O entendimento das Tecnologias da Informação e Comunicação (TICs) como uma nova frente de guerra é proveniente da perda de legitimidade de Israel nesse confronto. Como Stein (2012) defendeu, a atual postura de Israel frente à mídia, em especial, articulada às tecnologias de rede, está intimamente ligada ao objetivo de responder aos desafios enfrentados por Israel no Líbano no verão de 2006, em que o Hezbollah teve uma vitória decisiva no palco midiático, em parte, devido ao uso superior da *web* para disseminar suas ideologias ao público internacional. Vários relatórios políticos e manuais emergem nesse período (Caldwell; Menning; Murphy, 2009, por exemplo), recomendando a adaptação das estratégias de guerra para novas demandas e possibilidades instauradas pela popularização da internet.

Em 2006, uma guerra sangrenta entre o Hezbollah e Israel eclode quando a ala armada do partido xiita lança um ataque surpresa na fronteira com Israel, matando três soldados israelenses e capturando dois. As lideranças do partido calcularam que o ataque desencadearia uma resposta israelense moderada, levando a uma troca final de prisioneiros, como era o padrão no passado (Kalb; Saivetz, 2007). Mas os israelenses retaliaram rapidamente. O conflito tinha um profundo tom assimétrico, isto é, não era a guerra tradicional entre dois Estados. Israel se engajou em confronto armado com um partido libanês.

O Hezbollah, partido xiita libanês, se desenvolveu desde a década de 1990 como uma resistência islâmica contra Israel, ocupando a antiga posição das mobilizações pan-árabes, substituindo sociopoliticamente, em especial, a Organização para Libertação da Palestina (OLP) (Kamrava, 2013). O partido, a partir da negação de qualquer normalização de relações com Israel, tornou-se o principal ator libanês no conflito árabe-israelense. O enquadramento do

Hezbollah, o “Partido de Deus”, como uma organização islâmica, dificultava a ampla conquista da opinião pública internacional, em decorrência da reverberação de preconceitos decorrentes da chamada Guerra ao Terror, desencadeada pelos EUA como parte de uma ofensiva contra entes considerados terroristas, levando a declaração unilateral de guerra contra o Afeganistão e o Iraque.

Durante conflitos, como Zhang (2017) apontou, é importante que os atores envolvidos possam selecionar e transmitir suas mensagens e ideologias, conquistando apoio e simpatia por meio da comunicação de seus enquadramentos de significado aos eventos, enfraquecendo seu oponente. A comunicação, portanto, é um importante mecanismo de conquista de legitimidade e gestão de reputação ao longo de conflitos. A velocidade de disseminação da informação possibilitou que notícias e imagens se tornassem virais, atingindo públicos substancialmente mais amplos do que os observados em mídias tradicionais. Essas expressões fornecem dados sobre o conflito, bem como sobre a percepção do espectador transnacional desses eventos, utilizados estrategicamente por diferentes atores (Durante; Zhuravskaya, 2018).

Ao longo dos confrontos de 2006, Israel, especialmente por meio da *hasbara*, teve profunda dificuldade em transformar os sucessos militares em conquistas diplomáticas, em particular, por meio da opinião pública internacional (Siman-Tov; Fridman, 2020). *Hasbara* significa, literalmente, explicar. Apesar disso, seu significado exato está associado com processos de advogar ou de propaganda. Seu objetivo principal é transmitir uma narrativa específica para o público, influenciando a opinião pública. Até o início da década 2000, como Siman-Tov e Fridman (2020) apontam, a comunicação das Forças de Defesa de Israel (FDI) eram baseadas em dois conceitos: *hasbara* e guerra psicológica. A guerra psicológica era compreendida como parte da estratégia de influenciar a percepção dos soldados e comandantes inimigos, por meio da utilização do engano e da desinformação, de modo a obter vantagens nos conflitos.

Recentemente, Israel tem empreendido esforços para substituir a estrutura operacional dos princípios da *hasbara* para diplomacia pública. Segundo o Ministério de Relações Exteriores (*apud* Siman-Tov; Fridman, 2020), o objetivo é promover o nexo de interesses de Israel em outros países, pela criação de uma imagem a partir do diálogo com a população do

outro país, mediada pela cultura, ajuda mútua e outras atividades. Assim, consolidar os esforços militares de modo associado com estratégias de *soft power*³ internacionalmente.

Ainda na Operação Vinhas da Ira (Grapes of Wrath), em 1996, a elaboração das técnicas de comunicação pública do Hezbollah ficou evidente, apresentando novas dificuldades para a ação militar israelense (Harb, 2011). A campanha de dezessete dias das FDI contra o Hezbollah objetivava, oficialmente, acabar com o arsenal de foguetes posicionados pela organização na fronteira norte de Israel. As Forças de Defesa realizaram mais de mil ataques aéreos e diversos bombardeios. A ala militar do Hezbollah também participou do confronto. Um acordo de cessar-fogo encerrou esse conflito em 27 de abril de 1996.

O Hezbollah, por meio da associação das estratégias de mídia tradicional com as novas tecnologias de rede, conseguiu gerenciar a opinião pública de modo profundamente favorável ao partido. Como Lamloum (2016) investigou, as estratégias de comunicação do partido xiita se baseavam em três frentes: a agência de notícias al-'Ahd, a rede de televisão al-Manar⁴ e os discursos do líder Hassan Nasrallah. Essas iniciativas foram base para a comunicação política do grupo, defendendo a luta armada contra Israel, recusando qualquer negociação ou normalização com Israel e clamando pela destruição do “inimigo sionista” como único caminho para restauração da sociedade palestina. Ainda na Primeira Intifada Palestina, em 1987, as publicações da al-'Ahd ofereceram profundo apoio às mobilizações nos Territórios Palestinos Ocupados (TPO). De maneira semelhante, a rede por satélite al-Manar foi essencial para divulgar e legitimar todas as formas de mobilização contra a ocupação israelense. As redes de comunicação do Hezbollah ganharam visibilidade nos campos de refugiados e nos TPO não apenas pelo apoio oferecido aos palestinos, mas em decorrência, também, das fragilidades da Autoridade Palestina (AP), refletida ainda em suas estratégias de mídia (Lamloum, 2016).

³ O *soft power* é um conceito cunhado pelo cientista político Joseph Nye que se refere à capacidade de influenciar e atrair outras nações ou atores internacionais por meio de meios não-coercitivos, como cultura, valores, ideias, diplomacia, atração cultural e política, em contraste com o *hard power*, que envolve o uso direto de força militar ou econômica para obter influência (Nye, 2021).

⁴ Três anos após seu lançamento, a rede al-Manar foi proibida em diversos países ocidentais – como França, Alemanha e Canadá –, classificada pelo governo George Bush como parte de um sistema terrorista e acusada de promover teorias antissemitas (Lamloum, 2016). Apesar disso, a averiguação dessas acusações está para além do escopo da presente pesquisa.

Historicamente, a comunicação visual na política libanesa se manifestava por meio do uso de cartazes e pôsteres, celebrando os mártires e demarcando zonas de influência das facções políticas (Haugbolle, 2010). O partido xiita foi um dos primeiros grupos a registrar operações de martírio em vídeo, associando os testemunhos dos mártires com imagens de confrontos a Israel (Khatib, 2012). Tais processos evidenciam o desenvolvimento progressivo das estratégias de utilização de imagens para “estabelecer credibilidade, popularidade e um legado apoiado por ‘evidências’” (Khatib, 2012, p. 39, tradução nossa)⁵. Assim, as produções visuais compuseram parte fundamental nas estratégias de comunicação da organização⁶.

Nesse panorama, as estratégias de mídia do Hezbollah podem ser resumidas em: (1) uma rede de comunicação múltipla, associando publicações impressas e as novas tecnologias de comunicação e informação; (2) a utilização de lideranças carismáticas como base para evocação de apego emocional; (3) mobilização de comunicações multilinguísticas, para dialogar com públicos diversos; e (4) imagens usadas para construção de legitimidade, diretamente associada às disputas políticas. Apesar disso, a particularidade do conflito de 2006 decorre da incorporação da *internet* nas estratégias de comunicação do grupo.

As redes digitais foram, nesse cenário, agentes de informação e comunicação essenciais para o conflito militar. Limor (2007) defendeu que a *internet* cumpriu uma função quádrupla durante essa guerra. Ela foi um (1) importante canal de informação alternativa – especialmente para israelenses em locais sem acesso a rádio ou televisão –, (2) possibilitando a transmissão diretamente do *front* de batalha. Pela primeira vez, (3) *blogs*, *e-mails* e *sites* compuseram parte do ecossistema de mídia, principalmente, por meio do jornalismo civil. Câmeras acopladas a celulares e a popularização das câmeras digitais para uso pessoal ajudaram a criar expressões como “fotojornalismo civil de guerra”. Assim, (4) novas frentes de atuação civil foram possibilitadas tanto pelos formatos de mídia alternativa, como pelas alternativas abertas de comunicação pública, permitindo novas formas de debate e participação.

⁵ Trecho original: “[...] establishing credibility, popularity and a lasting legacy would be supported by video ‘evidence’” (Khatib, 2012, p. 39).

⁶ Seguindo essa atuação, a OLP foi, na década de 1970, produtora de uma série de filmes como base de propaganda da resistência.

O desenvolvimento da *internet* em Israel está ligado a processos econômicos, tecnológicos e de literacia midiática digital (Limor, 2007). Isto é, os profundos investimentos que o país despreendeu em infraestrutura e a orientação de recursos – muitos de origem militar – para o desenvolvimento e a consolidação de empresas de tecnologia no país, associados com uma população altamente educada e habilitada para lidar com novas ferramentas de informação e comunicação, possibilitaram uma rápida e ampla difusão da rede digital no país. Tais incentivos estavam fortemente associados com uma população altamente educada e habilitada para lidar com novas tecnologias de informação e comunicação, possibilitando uma rápida e ampla difusão da rede digital no país. Na segunda metade da década de 1990 diversos *sites* israelenses eram hospedados na *web*. Como Limor (2007) enfatiza, no mesmo período, os principais jornais e empresas de mídia do país criaram *sites*, ainda sem um modelo operacional e financeiro estruturado.

Apesar das relações históricas entre mídia e conflito, em que a opinião pública sempre ocupou uma posição central, a *internet* possibilitou novas formas de difusão de informação, com capacidade de resposta mais ampla, reformulando as estratégias e os conteúdos das comunicações (Caldwell; Menning; Murphy, 2009). A interconexão mundial, favorecendo formas de comunicações transnacionais, ajudou a produzir a primeira guerra “ao vivo” da história, retratando não apenas dados provenientes de boletins militares, mas a realidade experienciada do conflito, a violência e a destruição (Kalb; Saivetz, 2007). A velocidade e a facilidade de difusão de informações favoreceram processos vagos de checagem de fatos, em decorrência do desejo e da competição por publicar e transmitir (Kalb; Saivetz, 2007).

Assim, ao longo da Guerra do Líbano, o Hezbollah demonstrou grande capacidade de atuação comunicativa por meio das novas TICs, mobilizando discursos sobre a desproporcionalidade das ações do inimigo sionista de modo a controlar as informações para construir uma opinião pública favorável (Kalb; Saivetz, 2007). Nesse cenário, a produção de fotografias e vídeos foi operacionalizada para adequar-se aos objetivos comunicativos do grupo. A rede televisiva al-Manar, bem como os *sites* associados, foi utilizada para estender o alcance dessas comunicações, associadas com os discursos de Nasrallah, internacionalmente.

A comunicação foi uma das principais armas de combate para o Hezbollah, enfatizando o profundo planejamento estratégico das maneiras pelas quais utilizar a mídia, inclusive a

emergente rede digital. O partido retratou as ações das FDI como de uso desproporcional da força contra a população civil libanesa. Os esforços objetivavam ganhar confiança e simpatia à causa que defendiam.

Israel não negligenciava as emergentes redes digitais, mas o foco de suas ações em relação à *internet* estava na incorporação de formas tradicionais de informação, nos *sites* ligados às FDI e ao jornalismo israelense, associados às estratégias históricas do *hasbara*. Faltavam, portanto, estratégias de formação e consolidação de legitimidade nacional e internacional (Caldwell; Menning; Murphy, 2009). Ao não oferecer nenhum tensionamento aos esforços de construção de opinião pública realizados pelo Hezbollah, Israel possibilitou que o partido orientasse majoritariamente as percepções internacionais sobre os eventos.

A tecnologia de comunicação em rede passou a definir a natureza do conflito (Kalb; Saivetz, 2007). O Hezbollah, constantemente, apontava aos repórteres internacionais as mortes de civis libaneses, um gesto útil para a propaganda. A partir disso, associado com as narrativas difundidas pelo grupo por meio de estratégias de mídia ampla, o partido conseguiu que a mídia abandonasse os discursos sobre a agressão. Em poucas semanas, as redações internacionais eram uníssonas no endosso ao discurso de desproporcionalidade (Kalb; Saivetz, 2007).

Na sequência, Israel estabeleceu a Diretoria Nacional de Informação sob comando do gabinete do primeiro-ministro, objetivando sincronizar o conteúdo e o tom da mensagem israelense apresentada ao público pelas mídias (Siman-Tov; Fridman, 2020). Iazzolino (2010) descreve três estratégias principais de mídia adotadas pelo exército israelense no período: (1) realização de operações difíceis de serem captadas pela imprensa; (2) a conscientização dos “ciclos de notícias”, realizando retaliações tardias ao considerar que “uma resposta armada israelense imediata a um ataque palestino atrairia toda a cobertura jornalística, transformando a vítima em agressor aos olhos da opinião pública internacional” (Iazzolino, 2010, p. 4, tradução nossa)⁷; e (3) enfatizar as mortes de israelenses, articuladas a um repertório de vitimização altamente emocional.

⁷ Trecho original: “the second is awareness of 'news cycles' when carrying out delayed retaliations, based on the assumption that an immediate Israeli armed response to a Palestinian attack would draw all news coverage, turning the victim into the aggressor in the eyes of international public opinion” (Iazzolino, 2010, p. 4).

As manifestações árabes de 2010

Apenas alguns anos após os confrontos no Líbano enfatizarem a importância de estratégias político-militares que considerem as novas tecnologias de comunicação e informação em rede, eclode na região uma série de manifestações populares que se utilizaram das plataformas digitais para organização da ação social. Popularmente conhecidas como Primavera Árabe, as manifestações populares eclodiram na região do Oriente Médio e Norte da África a partir de 2009, associadas com pautas vagas antigoverno. A primeira mobilização dessa natureza ocorreu em 2009 no Irã, quando o Twitter⁸ foi utilizado para comentar e questionar as eleições iranianas a partir da *hashtag*⁹ #iranelection. As tecnologias de comunicação em rede digital, em especial as então nascentes plataformas¹⁰, foram utilizadas para organizar e divulgar os protestos, para o público nacional e internacional.

A rápida ascensão da internet na década 1990, com a popularização de navegadores como o Netscape Navigator, abriu novas possibilidades para a comunicação *online*, diretamente ligada com a criação e popularização dos primeiros blogs. Eles foram uma resposta à crescente acessibilidade da internet e à evolução das tecnologias que permitiram que os indivíduos compartilhassem suas ideias, pensamentos e experiências com um público *online*. Com a introdução do Facebook e do Twitter, a década de 2010 testemunhou um aumento significativo na interconexão global, amplamente utilizada como instrumento de ativismo no período (Gerbaudo, 2022). Tais mobilizações, a princípio, foram encaradas como evidência do caráter utópico da internet.

Como Bayat (2013) apontou, a ênfase tecno-utópica desses movimentos estava na associação entre a democratização política e a liberação econômica, em especial, a partir de

⁸ O Twitter, uma das principais redes sociais da atualidade, recentemente adquirida por Elon Musk e renomeada como X, teve sua origem em março de 2006, quando Jack Dorsey, Biz Stone e Evan Williams fundaram a empresa Obvious Corporation. Em julho do mesmo ano, lançaram a versão beta do Twitter, uma plataforma que permitia aos usuários compartilhar mensagens curtas, com no máximo 140 caracteres, conhecidas como “tweets”. A plataforma ganhou popularidade rapidamente devido à sua simplicidade e à capacidade de compartilhar informações em tempo real (Meio & Mensagem, 2022).

⁹ Uma *hashtag* é uma palavra ou frase composta por letras, números e/ou emojis, precedida pelo símbolo de hash (#). Ela é usada nas redes sociais e em plataformas *online* para categorizar, agrupar e indexar conteúdo relacionado a um tópico específico. As *hashtags* tornaram-se populares principalmente a partir do Twitter, mas também são amplamente utilizadas em outras plataformas como Instagram, Facebook e TikTok.

¹⁰ Plataformas, no contexto digital e tecnológico, são ambientes ou sistemas que permitem a criação, interação e compartilhamento de conteúdo, serviços, produtos ou informações, segundo Poell, Nieborg e Van Dijck (2020).

perspectivas neoliberalistas ocidentais. Apesar disso, para o autor, essas análises falham em compreender a fluidez das pessoas, culturas e estruturas sociopolíticas da região, implicando uma visão tecnodeterminista sobre o movimento. Ao ignorar a realidade cotidiana experienciada pela população local, bem como as dinâmicas sociopolíticas que motivaram as manifestações, tais perspectivas aplicam profunda esperança no caráter democratizador do acesso ao digital. O autor critica a visão eurocêntrica que permeou as análises jornalísticas e acadêmicas sobre as movimentações árabes, atravessadas pela profunda incapacidade de historicizar as sociedades do Oriente Médio. De modo geral, a tecnologia ocidental – a internet e as plataformas digitais – eram compreendidas como redentoras dos povos da região, associadas com promessas de democratização neoliberal. Assim, enquanto as mobilizações não haviam se transformado em golpes militares ou guerras civis sangrentas, a comunidade internacional encarava as tecnologias digitais como algo essencial para superar a censura, organizar protestos e, milagrosamente, espalhar a democracia na região (Tufekci, 2017).

É inegável o papel que as tecnologias de comunicação em rede digital desempenham nesses processos. Tufekci (2017) propõe o conceito de protestos em rede (*networked*) para pensar a reconfiguração dos movimentos políticos e sociais a partir da incorporação de tecnologias digitais e conectividade. Esses movimentos, apesar de suas origens culturais e políticas que antecedem a *web*, encontram novos recursos disponíveis a partir da utilização da internet, em especial, das plataformas digitais como base para comunicação.

Na Primavera Árabe, bem como em outros protestos do início do século XXI, as redes de contatos baseadas em *e-mails* e *blogs* tiveram uma importância fundamental. Mesmo assim, com a popularização das plataformas digitais, novas configurações comunicativas têm emergido, com ênfase na ampliação do público potencial para além das redes de contato já existentes, mediados por novas *affordances*¹¹ como a *hashtag* e a criação de páginas em plataformas digitais. O Facebook e o Twitter tiveram um papel importante para a faceta *online* desses protestos, em especial, a partir da concomitância dessas tecnologias com a popularização

¹¹ Nos estudos de plataformas digitais, o conceito de *affordances* refere-se às características perceptíveis e sugestivas das interfaces e funcionalidades dessas plataformas que indicam aos usuários como interagir com elas e quais ações são possíveis. Essas *affordances* digitais são projetadas para tornar as interações mais intuitivas e eficazes, facilitando a compreensão das funcionalidades disponíveis e como utilizá-las (Bucher; Helmond, 2018).

dos computadores e *smartphones*¹². Tufekci (2017) defende que a difusão dessas redes socialmente implicou na dificuldade dos regimes autoritários de banir plataformas que possibilitassem a divulgação de conteúdos ativistas, distintamente das redes e *blogs* utilizados apenas por ativistas. Assim, o papel das redes digitais na Primavera Árabe não pode ser reduzido a números relativos à difusão dessas tecnologias. O digital altera toda conectividade social, mesmo quando apenas uma parte dela está *online*.

No período da eclosão dessas manifestações, em especial, a partir de 2010, muitos governos autocráticos desconheciam os impactos políticos da difusão das tecnologias de rede. Esses Estados entendiam os atos *online* como frívolos e impotentes, ridicularizando a internet e pensando esses atos como “virtuais”, portanto, irrealis e sem importância (Tufekci, 2017). Tufekci aponta que, devido ao desdém das autoridades, ativistas políticos de diversos países da região puderam escrever *online* com relativa liberdade: “Havia bolsões de censura e repressão, mas eram um acerto e um erro, em vez de tentativas amplas e eficazes de suprimir a conversa *online*” (Tufekci, 2017, p. 18, tradução nossa)¹³. Esses Estados se viram incapazes de lidar com as mobilizações seguindo estratégias tradicionais. Hosni Mubarak, o então presidente egípcio, tentou desligar a internet, de modo semelhante à proibição e criminalização de meios tradicionais. Poucas horas depois os manifestantes já haviam furado o bloqueio e permaneceram conectados.

Porém, ativistas e analistas de tais manifestações não previram a guinada violenta que esses países tomariam, com a eclosão de guerras civis e ditaduras militares ainda mais autoritárias. Essas perspectivas tecno-utópicas falharam em compreender o caráter ambíguo das tecnologias digitais, em que a internet também é atravessada pelas lógicas socioculturais e econômicas mundiais nas quais está inserida. Tufekci (2017) apontou que esses ativistas, ao incorporarem as redes digitais na construção de seus movimentos, desconsideraram elementos básicos historicamente desenvolvidos para atuação política, como a organização de planos de

¹² Originados dos precursores Assistentes Pessoais Digitais ou “pocket PCs” (PDAs) na década 1990, os *smartphones* começaram a ganhar tração com dispositivos como o Nokia 7650, em 2002. No entanto, foi o lançamento revolucionário do iPhone pela Apple em 2007 que definiu os padrões modernos desses dispositivos (Costa, 2020).

¹³ Trecho original: “There were pockets of censorship and repression, but they were hit-and-miss rather than broad and effective attempts to suppress online conversation” (Tufekci, 2017, p. 18).



ação a longo prazo, estruturas de tomada de decisão – coletiva ou hierárquica – e consolidação de ideologias semelhantes. Nesse sentido, os desafios impostos pelos sistemas sociopolíticos e pelas estruturas de comunicação plataformizada conseguiram fragmentar e sufocar as mobilizações, em decorrência da falta de estruturas mais amplas de movimentos sociais. Distintamente dos países da região, Israel aprendeu, em decorrência de sua experiência no Líbano, ainda em 2006, a necessidade de estratégias políticas e militares para lidar com as novas tecnologias de rede. O sucesso do Hezbollah na campanha de 2006 decorre da estruturação de uma estratégia de mídia que pensasse o digital e o incorporasse em seus cálculos militares e comunicativos. Distintamente, no período, Israel baseou sua atuação na manutenção da *hasbara*, associada com as empresas de mídia israelenses e os boletins da FDI. A internet foi vista, apenas, como mais um meio para difusão das mesmas mensagens. A principal fragilidade de Israel era a falta de estratégias comunicacionais que utilizassem as particularidades do novo ecossistema de mídia desenvolvido a partir das tecnologias de redes digitais para criação e consolidação de legitimidade internacionalmente.

Os confrontos em Gaza (2008-2014)

Atualmente, atores estatais, militares e civis utilizam-se de diversas novas tecnologias de mídia para disseminar seus próprios entendimentos sobre os eventos conflituosos (Kuntsman; Stein, 2010). As maneiras pelas quais os palestinos utilizam as mídias não podem ser compreendidas de maneira apartada da experiência de violência cotidiana vivenciada por esses sujeitos (Naveh, 2007; Siapera, 2014). Como Naveh (2007) aponta, os palestinos utilizam as plataformas de mídia para propagar seus entendimentos sobre eventos, objetivando, também, produzir efeitos políticos. Os ativistas da causa palestina esperam que, ao comunicar as experiências de violência, desencadeiem indignação internacional, deslegitimando a posição de Israel frente à comunidade internacional.

Em decorrência dos eventos de 2006, quando Israel lança a ofensiva militar de 2008 em Gaza, o sistema de sincronização e controle já operava, assim como a proibição de jornalistas estrangeiros e israelenses de entrarem fisicamente na Faixa de Gaza (Bishara, 2013). Os esforços para controlar a mídia noticiosa também assumiram formas mais ativas, como a atuação sistemática nas redes sociais (Ilan, 2017; Dwonskin, 2021). Além disso, no mesmo



período, com a eleição do Hamas em 2007 na Faixa de Gaza, a fragmentação política do cenário palestino implicou na repressão, fechamento e monitoramento de diversas organizações de mídia (Berger, 2013).

Os conflitos do período em Gaza foram intensamente cobertos pelo jornalismo internacional, e os atores envolvidos utilizaram diversas estratégias para práticas propagandísticas. Nas várias incursões militares realizadas nas últimas décadas, atualizações em tempo real, *selfies* dos soldados armados, vídeos dos confrontos foram produzidos por diversos agentes de ambos os lados do conflito, preenchendo as redes sociais (Pennington, 2020). Os confrontos de 2008 coincidiram com a ascensão do jornalismo cidadão, em que blogueiros passaram a produzir, compartilhar e repercutir conteúdos noticiosos. Além disso, Israel realizou diversas campanhas nas plataformas digitais como parte de seus esforços diplomáticos para estruturar uma opinião pública internacional favorável (Iazzolino, 2010; Seo, 2014).

Brantner, Lobinger e Wetzstein (2011) evidenciaram que o enquadramento visual na mídia do conflito de 2008 em Gaza influenciou a resposta emocional, as avaliações e a percepção dos espectadores. No período, graças ao profundo tom emocional presente nas comunicações do Hamas¹⁴, o discurso israelense perdeu um pouco de sua legitimidade para o público transnacional (Zhang, 2017). Ao analisar essas comunicações, Zhang (2017) concluiu que sacrifício e perda foram temas frequentes nas comunicações do Hamas, com ênfase em baixas civis.

¹⁴ O Hamas, originalmente, era uma ala da Irmandade Muçulmana e passou a ganhar destaque na região em decorrência de uma série de ações de assistência social. O grupo não entendia o conflito como resultado da luta árabe-palestina contra o sionismo, mas como uma guerra entre religiões. Nesse sentido, “o Hamas usou deliberadamente a fusão entre o Islã e o nacionalismo para ‘nacionalizar’ o Islã e confiná-lo ao contexto territorial da Palestina, e para ‘islamizar’ o nacionalismo palestino” (Jād, 2018, p. 72-73, tradução nossa). Em junho de 2006, após a realização das eleições parlamentares em Gaza, as disputas políticas estabelecidas entre os dois maiores partidos da região, o Fatah e o Hamas, ganharam uma nova faceta. A vitória do Hamas marcou a primeira conquista da maioria das cadeiras parlamentares por um movimento islâmico que tinha pautas contrárias ao Acordo de Oslo e ao processo de paz.

Trecho original: “Hamas has deliberately used the conflation between Islam and nationalism to ‘nationalize’ Islam and confine it to the territorial context of Palestine, and to ‘Islamize’ Palestinian nationalism” (Jād, 2018, p. 72-73).

Além disso, Israel realizou diversas campanhas nas plataformas digitais como parte de seus esforços diplomáticos para estruturar uma opinião pública internacional favorável (Iazzolino, 2010; Seo, 2014). Kuntsman e Stein (2015) demonstraram haver uma forte interação entre as mídias sociais e a política militarista israelense, fenômeno nomeado por elas como militarismo digital (*digital militarism*). O conceito descreve o processo pelo qual as plataformas de comunicação digital, e os processos de consumo e diálogos provenientes delas, tornaram-se instrumentos militarizados a partir de atores estatais e não-estatais, impactando a sociedade em perspectiva militar, social e cultural.

As fotografias produzidas pelas forças armadas mobilizam aspectos estéticos para ação política, espelhando as visões de mundo promovidas pela narrativa oficial israelense. A cultura militar israelense é, nesse processo, ancorada na produção e circulação de ícones visuais. Ao longo das ações militares em Gaza, os soldados empregaram as câmeras-*smartphone* para personalizar a campanha militar, assim, a guerra é simultaneamente heroicizada e estetizada, desassociando a violência resultante. Nas imagens técnicas de militarismo, a batalha é removida em prol do compartilhamento de corpos embelezados, livres de sujeira ou sangue. Kohn (2017), ao examinar o compartilhamento de fotos de soldados das Forças de Defesa de Israel (FDI), constatou que essas imagens são utilizadas como forma de propaganda, objetivando cultivar legitimidade com as agendas promovidas.

De maneira semelhante, Berger e Naaman (2011) pontuaram a produção e circulação de imagens de mulheres combatentes na FDI. As produções afastavam delas a violência resultante da guerra, implicando prazeres sexualizados e objetificados sob seus corpos. Mesmo apresentando explicitamente armas, tais imagens são ordenadas de modo a reposicionar as mulheres no âmbito da atração, representantes do Estado-nação sexualmente disponíveis. Para Kohn (2017), são profundamente baseadas em fórmulas prontas, conforme o consenso, ancoradas em padrões visuais e de comportamento difundidos historicamente pelas FDI.

Os confrontos também foram representados por Israel em tom mais analítico, removendo a violência em prol de mapas, números e datas. Seo (2014), analisando o conteúdo das imagens compartilhadas pelo perfil das Forças de Defesa Israelense e da Brigada Al-Qassam, em 2012, constatou que a resistência foi o tema mais proeminente nas imagens israelenses e as baixas civis estavam no cerne da comunicação visual do Hamas. A autora aponta

para a diferença significativa no tom emocional mobilizado nessas imagens. Isto é, as comunicações israelenses apresentavam um quadro mais analítico, concentrado em elementos factuais sobre os danos sofridos, as capacidades militares e as ameaças do Hamas. Já as comunicações publicadas no perfil da Brigada Al-Qassam recorriam a um quadro emocional, com imagens de familiares sofrendo na frente de crianças mortas ou feridas por ataques aéreos israelenses.

Em 2014, Israel lançou uma operação militar em Gaza visando a enfraquecer o Hamas, legitimada pela reação da opinião pública decorrente do sequestro e assassinato de três adolescentes israelenses na Cisjordânia. Ao longo do conflito, imagens dos confrontos e da violência decorrente preencheram as plataformas digitais e o noticiário internacional. A partir disso, ambos os lados aumentaram o uso de estratégias de mídia centradas, principalmente, no compartilhamento de imagens provenientes do “jornalismo civil” (Zeitzoff, 2017). Essa mídia *online* — especialmente, o jornalismo popular digital — era pensada a partir da lógica de testemunho (Pennington, 2020), possibilitando que atores externos aos acontecimentos que se desenrolaram na Palestina pudessem testemunhar os eventos a partir da perspectiva da população local. Durante e Zhuravskaya (2018) demonstraram que as lideranças político-militares israelenses estrategicamente planejaram seus ataques em momentos em que o foco da mídia internacional tradicional estivesse em outros eventos, possibilitando menor cobertura das agressões provenientes do conflito.

Esses circuitos digitais são uma importante ferramenta para a comunicação transnacional, em que a utilização de *hashtags* e palavras específicas estabelecem formas estáveis pelas quais o usuário demonstraria seu apoio. A partir de 2014, expressões como #GazaUnderAttack, demonstrando apoio aos palestinos, e #IsraelUnderFire, em apoio a Israel, foram centrais para diferentes atores do conflito poderem acompanhar as flutuações do suporte público a cada um deles nas mídias digitais (Siapera; Hunt; Lynn, 2015).

Pennington (2020) investigou a utilização do Tumblr¹⁵ para o testemunho midiático da Guerra de Gaza de 2014. A autora argumenta que as tecnologias de comunicação em rede

¹⁵ O Tumblr é uma plataforma de mídia social e *microblogging* que permite publicação de uma variedade de tipos de conteúdo, como texto, imagens, vídeos, áudio e *links*, em um formato de *blog* simplificado. Foi fundado em

permitem que testemunhas oculares, cidadãos e ativistas compartilhem suas próprias histórias e entendimentos sobre fatos e eventos para públicos próximos e distantes. Ela apontou para as críticas que ativistas da causa palestina expressaram no Tumblr e que estavam ligadas à preocupação de como a mídia internacional representava tais eventos, entendendo que o sofrimento palestino estava sendo ignorado e negado. Nesse cenário, as plataformas digitais foram utilizadas para auxiliar os indivíduos a desafiar narrativas culturais hegemônicas, visando a (re)negociar perspectivas parciais ou ilegítimas. O sentimento de que a experiência israelense poderia ser encontrada nas principais notícias sobre o conflito impulsionou o desejo de explicitar o sofrimento de civis palestinos.

Considerações finais

A falta de processos mais amplos para construção e estruturação dos movimentos árabes de 2010 e a (1) formação de estruturas de tomada de decisão com base em (2) pautas coletivas provenientes de (3) ideologias semelhantes que pautassem (4) estratégias de ação e comunicação a longo e médio prazo foram decisivas para as dificuldades enfrentadas no sentido de atingir objetivos mais amplos e duradouros. Além disso, poucos esforços foram realizados para formação de estratégias de comunicação centradas no digital, em especial, para construção de legitimidade internacional. Com as dificuldades encontradas sociopoliticamente e as alterações da pauta noticiosa na mídia internacional, os eventos e suas pautas, bem como os sujeitos engajados para com eles, foram progressivamente esquecidos.

Dessa forma, esse panorama é revelador de dois processos interessantes. Inicialmente, é possível compreender que por meio de uma estratégia de comunicação focada na construção de legitimidade internacional, agentes militarmente mais fracos conseguem enfrentar seus inimigos de modo mais equivalente. O digital, portanto, precisa ser parte fundamental para estruturação de processos que difundam a informação, enquanto também oferecem destaque, ou seja, atenção, e legitimidade a elas. Apesar disso, os processos políticos não devem abandonar elementos provenientes da ação ativista *offline*, como a formação de redes mais amplas de apoio e o desenvolvimento de pautas e planos de ação a longo prazo.

2007 por David Karp e rapidamente ganhou popularidade como uma plataforma criativa e de expressão pessoal (Lisboa, 2022).

Os confrontos de Gaza ocorridos entre 2008 e 2014 demonstram a consolidação de estratégias de disputa pela opinião pública internacional. Os palestinos apostam em representações de profundo tom emocional que, no seu julgamento, possibilitam que o espectador testemunhe as violências cometidas por Israel, em lógica semelhante à observada ao longo das Intifadas. O ambiente digital permitiu que os ativistas obtivessem certa independência das empresas de jornalismo. Mas esse deslocamento também implicou em novas demandas para obtenção de atenção internacional.

Em decorrência dos aprendizados no Líbano em 2006, Israel desenvolveu uma estratégia de comunicação centrada na criação e consolidação de legitimidade. Pelo militarismo digital, conseguiu instaurar uma política da suspeita digital, questionando a veracidade das informações disseminadas pelos ativistas palestinos, enquanto cultiva legitimidade. A representação das incursões de forma desassociada da violência resultante, a partir de corpos embelezados, boletins militares, mapas e estatísticas, fortalece a opinião pública favorável. Essa estratégia também estava atravessada pelo bloqueio de acesso aos TPO por jornalistas internacionais, aprofundando a dependência de fontes oficiais.

Em tal perspectiva, ambos os atores buscaram engajar seus públicos em demonstrações *online* favoráveis a eles. As *affordances* de plataformas, em especial, as *hashtags*, foram formas pelas quais seus espectadores podiam apresentar opiniões e apoio. No entanto, essas comunicações não implicaram na estruturação de formas de diálogo intergrupar, mas aprofundaram as diferenças e ressentimentos entre palestinos.

Referências

BAYAT, Asef. **Life as politics**: how ordinary people change the Middle East. Stanford University Press, 2013.

BERGER, Miriam. Palestine's occupied fourth estate: An inside look at the work lives of Palestinian print journalists. **Arab Media and Society**, v. 17, Winter, p. 1-27, 2013.

BERGER, Eva; NAAMAN, Dorit. Combat cuties: photographs of Israeli women soldiers in the press since the 2006 Lebanon War. **Media, War & Conflict**, v. 4, n. 3, p. 269-286, 2011.

BISHARA, Amahl A. **Back stories**: US news production and Palestinian politics. Stanford University Press, 2013.

BRANTNER, Cornelia; LOBINGER, Katharina; WETZSTEIN, Irmgard. Effects of visual framing on emotional responses and evaluations of news stories about the Gaza conflict 2009. **Journalism & Mass Communication Quarterly**, v. 88, n. 3, p. 523-540, 2011.

BUCHER, Taina.; HELMOND, Anne. The affordances of social media platforms. *In*: BURGESS, Jean; POELL, Thomas; MARWICK, Alice; (org.). **The SAGE handbook of social media**. London: SAGE Publications, 2018.

CALDWELL, William B.; MENNING, Anton; MURPHY, Dennis M. Learning to leverage new media: the Israeli Defence Forces in recent conflicts. **Military Review**, May/June 2009.

COSTA, Luís Antônio. A história do celular e do smartphone: uma viagem tecnológica. **Showmetech**, 16 nov. 2020. Disponível em: <https://www.showmetech.com.br/historia-do-celular-e-smartphone/>. Acesso em: 30 ago. 2023.

DURANTE, Ruben; ZHURAVSKAYA, Ekaterina. Attack when the world is not watching? US news and the Israeli-Palestinian conflict. **Journal of Political Economy**, v. 126, n. 3, p. 1085-1133, 2018.

DWONSKIN, Elizabeth. Israel escalates surveillance of Palestinians with facial recognition program in West Bank, **The Washington Post**, 8 nov. 2021. Disponível em: https://www.washingtonpost.com/world/middle_east/israel-palestinians-surveillance-facial-recognition/2021/11/05/3787bf42-26b2-11ec-8739-5cb6aba30a30_story.html. Acesso em: 21 out. 2022.

GERBAUDO, Paolo. **Redes e ruas: mídias sociais e ativismo contemporâneo**. São Paulo: Funilaria, 2022.

HARB, Zahera. **Channels of resistance in Lebanon: liberation propaganda, Hezbollah and the media**. Bloomsbury Publishing, 2011.

HAUGBOLLE, Sune. **War and memory in Lebanon**. Cambridge University Press, 2010.

IAZZOLINO, Gianluca. Digital Shahid - Palestinians covering occupied Palestine: from broadcast media to citizen journalism. **Arab Media Society**, n. 12, p. 1-14, 2010.

ILAN, Shahar. Israeli official reports increased cooperation on removing content from social media, **Calcalist**, 29 dez. 2017. Disponível em: <https://www.calcalistech.com/ctech/articles/0,7340,L-3728439,00.html>. Acesso em: 21 out. 2022.

JĀD, Iṣlāh. **Palestinian women's activism: nationalism, secularism, Islamism**. New York: Syracuse University Press, 2018.

KALB, Marvin; SAIVETZ, Carol. The Israeli—Hezbollah war of 2006: The media as a weapon in asymmetrical conflict. **Harvard International Journal of Press/Politics**, v. 12, n. 3, p. 43-66, 2007.

KAMRAVA, Mehran. **The Modern Middle East** – a political history since the First World War. Berkeley, Los Angeles and London: University of California Press, 2013.

KHATIB, Lina. **Image politics in the Middle East**: The role of the visual in political struggle. Nova Iorque: Bloomsbury Publishing, 2012.

KOHN, Ayelet. **Instagram as a naturalized propaganda tool**: The Israel Defense Forces Web site and the phenomenon of shared values. *Convergence*, v. 23, n. 2, p. 197-213, 2017.

KUNTSMAN, Adi; STEIN, Rebecca L. Another war zone: social media in the Israeli-Palestinian conflict. **Middle East Report Online**, 2010.

KUNTSMAN, Adi; STEIN, Rebecca L. **Digital militarism**: Israel's occupation in the social media age. Stanford University Press, Stanford, California, 2015.

LAMLOUM, Olfa. Hezbollah communication policy and the Israeli-Palestinian conflict. *In*: JAYYUSI, Lena; ROALD, Anne Sofie (org.). **Media and political contestation in the contemporary arab world**. Palgrave Macmillan, New York, 2016. p. 63-89.

LISBOA, Alveni. O que é Tumblr? **Canaltech**, 21 nov. 2022. Disponível em: <https://canaltech.com.br/internet/o-que-e-tumblr/>. Acesso em: 30 ago. 2023.

LIMOR, Yehiel. Israel and the new media. *In*: SEIB, Philip (ed.). **New media and the new Middle East**. Nova York: Palgrave Macmillan, 2007, p. 157-169.

MEIO & MENSAGEM. História do Twitter: da origem da rede social até a compra por Elon Musk. 30 nov. 2022. Disponível em: <https://11nq.com/DISNm>. Acesso em: 30 ago. 2023.

NAVEH, Chanan. The Palestinian-Israeli web war. *In*: SEIB, Philip (ed.). **New media and the new Middle East**. Nova York: Palgrave Macmillan, 2007, p. 171-189.

NYE, Joseph S. Soft power: the evolution of a concept. **Journal of Political Power**, v. 14, n. 1, p. 196-208, 2021.

PENNINGTON, Rosemary. Witnessing the 2014 Gaza war in Tumblr. **International Communication Gazette**, v. 82, n. 4, p. 365-383, 2020.

POELL, Thomas; NIEBORG, David; VAN DIJCK, José. Plataformização. **Fronteiras-Estudos Midiáticos**, v. 22, n. 1, p. 2-10, 2020.



SIAPER, Eugenia. Tweeting #Palestine: Twitter and the mediation of Palestine. **International Journal of Cultural Studies**, v. 17, n. 6, p. 539-555, 2014.

SIAPER, Eugenia; HUNT, Graham; LYNN, Theo. #GazaUnderAttack: Twitter, Palestine and diffused war. **Information, Communication & Society**, v. 18, n. 11, p. 1297-1319, 2015.

SIMAN-TOV, David; FRIDMAN, Ofer. A rose by any other name? Strategic communications in Israel. **Defence Strategic Communications**, v. 8, p. 17-52, 2020.

STEIN, Rebecca L. Impossible witness: Israeli visibility, Palestinian testimony and the Gaza War. **Journal for Cultural Research**, v. 16, n. 2-3, p. 135-153, 2012.

TUFEKCI, Zeynep. **Twitter and tear gas: the power and fragility of networked protest**. New Haven: Yale University Press, 2017.

ZEITZOFF, Thomas. How social media is changing conflict. **Journal of Conflict Resolution**, v. 61, n. 9, p. 1970-1991, 2017.

ZHANG, Jinjin. The politics of representation on social media: the case of Hamas during the 2014 Israel–Gaza conflict. **Arab Media & Society**, v. 24, 2017, p. 1-13.

Submetido em: 01.03.2023

Aprovado em: 22.08.2023

